

# Histórias entrelaçadas: modistas no mercado da moda fluminense (RJ, 1840)

*Intertwined histories: fashionistas in the Rio de Janeiro fashion market (RJ, 1840)*

Laura Junqueira de Mello Reis<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2110-3987>

Laís Paiva da Ressureição<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6584-0586>

[resumo] O objetivo deste artigo é explicitar algumas práticas presentes no mercado da moda fluminense na década de 1840, adentrando de forma breve no decênio seguinte, e tendo as modistas Mme. Barat e Mme. Josephine como enfoques principais. Neste período o Rio de Janeiro recebeu uma série de imigrantes que exerciam ofícios concernentes ao universo da moda, essa chegada ocasionou uma expansão geográfica das modistas que passaram a ocupar outros lugares da cidade que não só a rua do Ouvidor. Mme. Barat, contudo, era uma das modistas que ainda se encontrava presente no epicentro da moda oitocentista e que tinha entre suas consumidoras a SS. Imperatriz Teresa Cristina; em contrapartida a ela temos a modista Mme. Josephine que tinha uma Casa de Modas na rua da Valla. Para alcançarmos nossos objetivos, utilizamos como fonte basilar de pesquisa a imprensa periódica da época. Com base nesta investigação, podemos concluir que a atuação das mulheres no âmbito da moda durante o período em análise foi multifacetada e desempenhou um papel crucial no avanço da autonomia financeira das sujeitas envolvidas nesse domínio.

[palavras-chave] **Modistas. Rio de Janeiro. Século XIX.**

---

<sup>1</sup> Doutoranda em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). laurajunqueiramreis@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/5883661754436806>.

<sup>2</sup> Doutoranda em História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). laispaivar@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/0449471452794819>.

**[abstract]** The aim of this paper is to explain some of the practices present in the fashion market in Rio de Janeiro in the 1840s, looking briefly at the following decade, with the fashion designers Mme. Barat and Mme. Josephine as the main focus. During this period, Rio de Janeiro received several immigrants who worked in trades related to the world of fashion. This arrival led to a geographical expansion of fashion designers who began to occupy other parts of the city than just Rua do Ouvidor. Mme. Barat, however, was one of the fashion designers who was still present in the epicenter of nineteenth-century fashion and whose consumers included SS. In contrast to her, we have the fashion designer Mme. Josephine, who had a fashion house in Rua da Valla. To achieve our objectives, we used the periodical press of the period as a basic source of research. Based on this research, we can conclude that women's work in the fashion industry during the period in question was multifaceted and played a crucial role in advancing the financial autonomy of those involved in this field.

**[keywords]** **Fashionistas; Rio de Janeiro; 19th century.**

Recebido em: 30-10-2023

Aprovado em: 11-03-2024

## Modistas e costureiras no Rio de Janeiro (Primeira metade do século XIX)

A moda não se limita a dirigir e regular a tesoura e a agulha da costureira; influi na indústria e nas artes e as põe em contribuição para satisfazer suas mudanças, talvez caprichosas, porém elegantes, de bom gosto, e por isso parecem razoáveis  
(*Correio das Modas*, Rio de Janeiro, 1840, n° 36, p. 1).

Há muito se fala da não frivolidade e inviabilização da moda (Lipovetsky, 2009) e teóricos reforçam que a moda não é a indumentária por si só, mas toda a produção e pensamentos que envolvem a fabricação e circulação das peças de roupas que vemos pelas ruas das cidades, já que as modistas cumpriam além de tudo, um papel de comerciantes e estavam atentas aos sentidos e preferências provocados por determinados objetos desejados pela clientela. As consumidoras das Casas de Modas e modistas eram, em sua maioria, mulheres brancas e de uma elevada classe social cujo poderio econômico e social lhes permitia usufruir de uma ociosidade percebida através dos longos passeios pela rua do Ouvidor onde poderiam encontrar a Casa de Mme. Barat e outras modistas.

O objetivo deste artigo é explicitar práticas presentes no mercado da moda fluminense na década de 1840 (re)conhecendo e colocando ênfase e luz sob a história das mulheres que tinham como trabalho a produção de peças de indumentária e adornos da capital brasileira neste período, ou seja, entender as múltiplas histórias dos “bastidores” dessa produção que era feita pelas modistas e costureiras presentes na cidade. Neste texto, nosso enfoque principal são duas modistas: Mme. Barat e Mme. Josephine, cujo as histórias refletem muitas das trajetórias das mulheres trabalhadoras no mercado da moda.<sup>3</sup>

Para entendermos esse período, no entanto, é preciso retornar algumas décadas e, por isso, este artigo inicia-se com a chegada da Família Real portuguesa no Brasil, mais precisamente na cidade do Rio de Janeiro. Desde essa chegada, em 1808, o Rio de Janeiro viveu intensas transformações; o crescimento exponencial desse lugar que se configurava como um “novo território” chamava a atenção dos/as europeus/eias e por isso a cada ano que passava aumentava o número de imigrantes no Brasil e, principalmente, na capital da colônia portuguesa.

Um dos locais onde se evidenciava significativa presença de mulheres europeias era no cenário da moda fluminense. Este campo era composto, em sua maioria, por mulheres francesas, o que pode ser facilmente explicado pela influência que a França exercia culturalmente sob o Brasil (Rainho, 2002). Símbolo de luxo e civilidade, o país europeu respirava moda no Oitocentos, o Brasil e as mulheres que aqui estavam almejavam vivenciar esse mesmo sentimento (Souza, 2005).

---

<sup>3</sup> Falar de duas sujeitas específicas com o objetivo de compreender um todo faz parte de uma perspectiva histórica conhecida como micro-história em que a intenção é estudar o *micro e, assim, entender o macro*. Para saber mais sobre a micro-história ver: Davis, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVOL, Enrico; PONI, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Trad. Antônio Narino. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro: 1989.

A partir de 1816 muitas francesas entraram no Brasil com o objetivo de permanecerem por aqui e construírem suas vidas na América.<sup>4</sup> Em 1819 cerca de sete embarcações atracaram em nosso país, de acordo com documentação presente no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro ou A.N.R.J. (BR RJANRIO RE.0.ANT, ARF.34/); entretanto, esse número aumentou significativamente na década de 1820, à título de exemplo, apenas em 1827 quarenta e duas embarcações chegaram ao porto fluminense (*Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 1828, nº 123, p. 04).<sup>5</sup> Por esse motivo, o número de imigrantes não parava de crescer e tornava-se cada vez mais comum os anúncios de francesas nos jornais fluminenses, fossem de mulheres procurando um trabalho e oferecendo seus serviços de costura ou outras atividades concernentes ao ideário de feminilidade branca do oitocentos.

Uma modista de Paris, encarrega-se de fazer chapéus de todos os feitios, e qualidades, vestidos, e todas as sortes de guarnições para os ditos, e tudo mais que se lhe encomendar a moda, e bom gosto; quem se quiser utilizar de seu préstimo, dirigir-se a loja de livros, rua dos Ourives nº86 (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1826, nº 1000021, p. 3).

O Casal Baudinot, por exemplo, inaugurou na corte um espaço destinado às meninas, onde era ensinado o francês e as habilidades de costuras:

Mr. Baudinot tem estabelecido, na rua do Rosário nº 185, uma casa de educação para as meninas, em que, além de ler, escrever, contar, elas hão de aprender a língua francesa com a maior prontidão, fazendo uma aplicação diária e sucessiva das regras da sobredita língua. Madama Baudinot lhes ensinará a cozer, marcar, bordar e todas as mais obras pertencentes à educação das meninas. A casa sendo espaçosa e bem situada, oferece todas as conveniências para um tal estabelecimento que não deixará nada a desejar a respeito do ensino, da decência e do asseio das meninas (*Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1828, nº 104, p. 4).

Em grande parte, essas publicações referiam-se aos trabalhos com a moda. Muitas francesas ingressaram nesse mercado expoente e inauguraram Casas de Moda pelas ruas da cidade. Em certas ocasiões, essas Casas eram empreendimentos conjuntos entre proeminentes negociantes da época, que aportavam capital financeiro, e mulheres francesas, as quais, por sua vez, contribuíam ao negócio se dedicando às atividades de costura, atuando como modistas e/ou costureiras, além de assumirem a gestão desses locais.

---

<sup>4</sup> Desde 1808 o Brasil recebia muitos produtos estrangeiros e imigrantes dos mais diversos países europeus, no entanto, os/as franceses/as não eram bem-vistos por aqui já que o governo de Napoleão Bonaparte foi a razão da fuga da família real de Portugal e a consequente vinda para o Brasil. Com a queda de Napoleão em 1815 essa realidade foi modificada e os portos sul-americanos se abriram para os/as franceses/as. Por esse motivo as imigrações francesas para o Brasil aumentaram significativamente nesse período e continuaram crescendo ao longo dos anos.

<sup>5</sup> Nessas embarcações chegavam tanto os produtos, quanto as pessoas.

As Casas de Moda levavam o nome das modistas que eram responsáveis pela loja, isto é, Casa de Moda de Mme. Seurat, Mme. Richard, Mme. Breton, Mme. Dazon, entre outras. Por consequência, esses negócios eram, em suma, pertencentes às mulheres que administravam os estabelecimentos aos seus modos. As Casas de Moda tinham, portanto, os sócios (sócios financeiros e as modistas) que dirigiam os negócios; as contramestras, que eram responsáveis pelas oficinas de costura; as costureiras e as vendedoras - que poderiam, por sua vez, serem mulheres brancas ou negras, livres ou escravizadas considerando que estamos falando do Oitocentos, período em que a economia brasileira era baseada no trabalho escravizado.

É importante ressaltar o lugar social e econômico que as modistas e costureiras estavam inseridas na primeira metade do XIX. Nesse período, as roupas eram confeccionadas nas Casas de Moda localizadas pela cidade, os mais avantajados economicamente compravam com as modistas localizadas na rua do Ouvidor ou encomendavam do exterior, principalmente de Paris; os que pertenciam a uma classe mediana poderiam adquirir suas peças através de modistas e costureiras que comercializavam objetos mais baratos; havia ainda aqueles que tinham costureiras próprias que lhes permitia fazer pequenos reparos em suas residências; e aquelas famílias que a mulher era responsável por produzir suas roupas e de seus familiares em casa. As roupas prontas eram de elevado custo, o que limitava sua acessibilidade a uma parcela reduzida da sociedade, evidenciando assim a importância social das modistas e costureiras no Brasil que eram, à época, muito requisitadas.

O mercado da moda fluminense na primeira metade do século XIX era, nesse sentido, um mercado verdadeiramente rentável para a cidade e para aqueles e aquelas que trabalhavam com essas atividades. As modistas não chegaram a enriquecer e fazer parte dos estratos sociais mais elevados da sociedade, mas também não eram mulheres pobres. Ainda que não fizessem parte das elites financeiras e possuíssem grandes capitais, elas possuíam um significativo capital simbólico (Bourdieu, 1989). Esse poder lhes permitia estar em lugares e condições distintas de mulheres quem, em sua maioria, ocupavam-se de outras atividades ligadas ao mercado da moda, como, por exemplo, o ofício das costureiras e vendedoras.

A quarta é a rua do Ouvidor, que tendo seu princípio na praia chamada do Peixe, sai ao largo de S. Francisco de Paula de frente a Academia Militar (...). esta rua deveria chamar-se a Rua Francesa, quase toda ela é ocupada pelas modistas, e vários Armazéns pertencentes a indivíduos desta nação, a Modista, Costureira, o Livreiro, o Sufinagador, o Licorista, o Ourives, o Chapeleiro, o Cabeleireiro, o Alampista, o Latoeiro, o Alfaiate com variadas e ricas fazendas em elegantes *armazéns administrados por Senhoras Francesas*, as quais tem adestradas umas do País, que com o tempo poderão continuar, e perpetuar a mesma indústria (*Almanaque dos Negociantes do Império*, Rio de Janeiro, 1827, nº.01, p. 23). [grifo nosso].

A primeira metade do século XIX é, portanto, um período crucial na trajetória das modistas francesas que desembarcaram na cidade do Rio de Janeiro. Durante toda a década de 1820 elas conquistaram lugares e abriram uma série de Casas de Moda no centro da corte, sobretudo na rua do Ouvidor, como o trecho trazido acima destacou.

As francesas começaram a chegar e a estabelecer-se com a dominação de modis-

tas nas ruas Direita, dos Ourives, do Cano (hoje Sete de Setembro) em 1818, 1819 e 1820. Caso célebre!... nenhuma na rua do Ouvidor!... e com certeza nenhum francês nessa mesma rua, que aliás já tinha casas inglesas. [...] De súbito, e como de plano, mas sem que o tivessem concertado, pronunciou-se, de 1821 a 1822, a hégira das modistas francesas para a rua do Ouvidor (Macedo, 1963, p. 100).

Afinal, a rua do Ouvidor era o centro do mercado da moda fluminense oitocentista. Em 1825 o viajante europeu Carl Schlichthorst a descreveu:

A rua do Ouvidor tem aspecto singular e nela, por momentos, a gente se julga estar em Paris. Caixeiras exageradamente pintadas, com cinturas finas e olhos à espreita, exibem gastos encantados diante dos espelhos, cosem em atitude elegante ou lançam as redes de seus olhares pela longa fila de joias, o que até certo ponto lembra o Palais – Royal (1825, p. 100).

Ao longo do decênio seguinte, mais francesas desembarcaram no Rio de Janeiro. No entanto, a década de 1830 representou uma fase significativamente distinta para o Brasil. Com a partida de D. Pedro I de volta a Portugal, o país foi deixado sob a regência de seu filho, Pedro, que ainda criança não poderia reger a nação, resultando na administração das regências.<sup>6</sup> Nessa década encontramos resistência ao trabalho das modistas francesas no Brasil. Os ideais nacionais e a noção de valorização do que era brasileiro estiveram profundamente presentes no país durante esse decênio e, em alguns periódicos, identificamos críticas aos luxos e ao trabalho das modistas estrangeiras.

Feliz do Rio de Janeiro quando não houver mais uma só dessas lojas de teteias, e na Rua do Ouvidor não se venderem se não livros, e enxadas. Esse tempo não sei se eu terei a satisfação de ver, porque já vou sendo careca, mas me consolo com a ideia de que já a emigração das modistas vai principiando, e se quando eu der o último arranco, deixar só meia dúzia de tais lojas, irei para outra banda consoladíssimo, na esperança que meus netos acabarão com o resto dessa má plantação exótica, que não deixa vegetar, e crescer as plantas úteis, e nacionais (*O Simplício da Roça*, Rio de Janeiro 1832, nº, 15 p. 03).

De acordo com Lúcia Neves, no entanto, a identificação com os estrangeiros e o desejo de parecer-se civilizado aos moldes europeus, não cessaram nesse período:

---

<sup>6</sup> O período regencial (1831-1840) foi uma época politicamente conturbada para o país que esteve governado por 4 regências: Regência Trina Provisória (1831); Regência Trina Permanente (1831-1835); Regência Una de Feijó (1835-1837) e Regência Una de Araújo Lima (1837 - 1840). Nesse período circulavam no país tendências nacionalistas, por parte dos republicanos (mais progressistas) em contraposição aos monarquistas que eram mais conservadores. De fato, durante este período, observou-se no Brasil uma crescente valorização dos produtos nacionais e uma certa aversão aos produtos estrangeiros, o que impactou diretamente as modistas e costureiras estrangeiras, as quais se viram sujeitas a uma atmosfera de desconfiança e até mesmo de repúdio por parte da sociedade. Para saber mais sobre o período regencial ver em: MOREL, Marco. *O Período das Regências* (1831-1840). Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.

Ainda após a abdicação de Pedro I, em 1831, quando a quebra da autoridade tradicional por todos reconhecida e a crise das regências revelaram um estado desfigurado, a identidade continuava a ser buscada em um modelo externo, capaz de legitimar as aspirações de inserir o Brasil no contexto das nações civilizadas (1999, p. 24).

Mesmo com as dificuldades encontradas pelas francesas no decênio de 1830, elas permaneceram na corte, uma vez que ainda assim o Rio de Janeiro era um lugar relativamente seguro e estável para expandirem seus estabelecimentos, vide os muitos franceses e francesas que inauguraram lojas na capital do império e nunca retornaram ao país europeu. Ou seja, conforme afirmado anteriormente, entre os anos de 1830 e 1840 muitas imigrantes francesas chegaram ao Brasil e, principalmente, na corte brasileira. Os motivos pessoais que levaram cada uma dessas mulheres a optarem pela migração não nos é conhecido; contudo, a condição econômica da França e as conturbações políticas do período podem ter alavancado esses processos.

No caso da França, especificamente, o país continuava a ser um país agrícola e sujeito a crises, na qual pobreza e indigência compunham o cenário urbano, incluindo Paris, que alcançou, em 1843, o total de 86.401 indigentes (Noriel, 1986: 28). É possível observar, por exemplo, um aumento do fluxo em direção ao Rio de Janeiro, acompanhando as conturbações de 1830 e 1848 (Menezes, 2020, p. 57).

Em 1840 com o golpe da maioria D. Pedro II assumiu o comando do país. No início de seu governo, o imperador buscou apaziguar os conflitos internos do período regencial e se posicionou como governante, conduzindo o país de acordo com suas convicções. Durante o governo de D. Pedro II o Brasil cresceu e modernizou-se e buscava, cada vez mais, assemelhar-se aos países europeus considerados desenvolvidos. Para o mercado da moda fluminense, a década de 1840 viu um exorbitante engrandecimento do número de modistas e costureiras que, cada vez mais, expandiam-se pela cidade. Em 1830, por exemplo, constavam-se, a partir dos anúncios publicados nos jornais, cerca de 20 mulheres que se auto-declaravam modistas; em 1840, esse número cresceu para 56 mulheres que trabalhavam nesse mercado em difusão.

No decênio seguinte, 1850, o Brasil vivia um momento de crescimento da economia com o café, de modernização com a chegada das linhas férreas que permitia o escoamento da produção e do fim do tráfico de escravizados. As modificações estruturais de uma colônia para um país em crescimento eram evidentes e mudou-se também a condição das mulheres brancas no país, os passeios na rua do Ouvidor tornaram-se mais constantes, assim como o consumo de itens de moda - ainda que isso já fosse uma realidade dos anos anteriores (Monteleone, 2019).

## Mme. Josephine e Mme. Barat: semelhanças e diferenças

A rua do Ouvidor, que é a rua Vivienne do Rio, encerra armazéns de uma grande beleza: tudo o que a moda produz em Paris de mais elegante, de mais delicado, encontra-se ali com profusão; as invenções as mais extravagantes, apenas apreciadas, não nela oferecer-se a fantasia dos compradores. Um francês pode considerar-se ali a sua casa, porque encontra-se nessa rua alfaiates franceses, sapateiros franceses, e, o que é mais francês ainda, modistas parisienses (*Sentinela da Monarquia*: periódico político literário, Rio de Janeiro, 1844, nº 727, p. 01).

Ainda que a rua do Ouvidor continuasse a ser o principal endereço das Casas de Moda brasileiras, as mulheres que trabalhavam nesse mercado começaram a espalhar-se pela cidade ao longo da década de 1840. Nesse sentido, encontramos, a título de exemplo, Mme. Josephine que anunciou seu trabalho no *Jornal do Comércio* e trabalhava com Mme. Richard<sup>7</sup>: “Mme. Josephine, modista de Mme. Elisa Richard, faz chapéus, toucas, turbantes e vestidos para lojas à moda de Paris. Dirijam-se à rua da Valla nº 15” (*Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 9 de junho de 1846, nº 158, p. 4).<sup>8</sup>

A rua da Valla é atualmente conhecida como rua Uruguaiana e compreende um grande centro comercial popular. Esse trecho da cidade, apesar de ser relativamente próximo à rua do Ouvidor, onde encontrava-se a maioria das grandes Casas de Moda da época, não era uma área comum ao comércio da moda. Nesse período a rua da Valla funcionava como uma espécie de vala da região, como o próprio nome já nos remete, e por isso era um local onde dominava o mau cheiro (Gagliardo, 2014); tais condições certamente não eram propícias para um estabelecimento que buscava vender vestidos à moda de Paris.

Não obstante, Mme. Josephine anunciou que vendia chapéus, toucas, turbantes e vestidos não diretamente para as consumidoras finais, mas para lojas “à moda Paris”, que revenderiam tais mercadorias às consumidoras. Assim, as mulheres que compravam das grandes Casas de Moda localizadas na rua do Ouvidor não iam até Mme. Josephine. Por conseguinte, a loja de Mme. Josephine não precisava arcar com os caros aluguéis da rua do Ouvidor.

À título de exemplo, enquanto uma casa na rua do Ouvidor custava cerca de 624 mil réis anuais (BRRJ AGCRJ.CM.DU.0159), na rua do Rosário custava 330 mil réis (BRRJ AGCRJ.CM.DU.0159). Esses imóveis teriam, à época, características semelhantes e que eram propícias para o desenvolvimento das Casas de Moda, ou seja, um espaço reservado para moradia

<sup>7</sup> Mme. Elisa Richard entrou no Brasil na década de 1840, mais precisamente em 1841, vinda da França (BR RJANRIO 0E.COD.0.423, v.12/f.155C); em 1842 já é possível encontramos anúncios de sua Casa de Moda em jornais diários como o *Jornal do Comércio*. Seu estabelecimento estava situado na rua do Ouvidor nº 114 e permaneceu no mesmo endereço até o ano de seu fechamento, em 1846.

<sup>8</sup> Nesse período uma renomada modista francesa chamada Josephine Meunier estava presente no Rio de Janeiro; contudo, considerando sua grandeza em contradição a Josephine referida no texto que trabalhava com Mme. Richard e, posteriormente, estava na rua da Valla, não acreditamos tratar-se da mesma Josephine. Além disso, é necessário pontuar que em nenhum momento fala-se se Josephine era uma mulher branca ou negra; contudo, compreendendo a realidade do período, suponhamos que Josephine era uma mulher branca.



A casa de Mme. Barat, modista de S. M. Imperatriz, tem sido visitada nos últimos dias por grande concurso de pessoas, atraídas pela curiosidade de ver o enxoval que lhe foi encomendado para S. A. o príncipe ou princesa imperial. Logo fora enumerado todas as peças de que se compõe o enxoval: limitamo-nos a dizer que tudo quanto a elegância e a suntuosidade podem imaginar se encontra nessa profusão de finíssimos bordados, cambraias e rendas conhecidas pelo nome de Malines, Valenciennes, Point d'Angleterre, etc. De cada objeto contam-se doze dúzias, e todos eles variados em forma de dimensão; em todos brilha o reconhecido bom gosto que preside a tudo quanto sabe das oficinas de Mme. Barat. Os três berços de estado correspondem a riqueza e a magnificência do enxoval. São obras do habilíssimo Sr. Léger (*Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, 1845, nº 39, p. 4).

Com loja na rua do Ouvidor, Mme. Barat rapidamente conquistou lugar no coração das fluminenses e nas páginas dos jornais. A modista foi anunciada em periódicos diários como *Jornal do Comércio*<sup>9</sup> e *Diário do Rio de Janeiro*<sup>10</sup> e em folhas voltadas para o público feminino como o *Jornal das Senhoras* (1852-1855)<sup>11</sup>. Christina, pseudônimo que assinava as colunas de moda do *Jornal das Senhoras*, frequentemente tecia elogios a Mme. Barat e, além disso, indicava que as leitoras procurassem por ela.

É indubitável que aquela científica tesoura de Mme. Barat a cada talho que dá faz nascer uma graça, um chique delicado no acerto de todas as suas sobras. Conheciam-se, distinguiam-se visivelmente os vestidos preparados por essa artista. E depois não querem que eu fale em seu favor, quando em minha alma e consciência reconheço que é ela a que melhor me veste, a mim e a muitas outras que votam comigo nesse parecer (*Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1 de ago. 1852, n 31, p. 1).

Desde a primeira edição do *Jornal das Senhoras* Mme. Barat era recomendada nas páginas desse periódico. No dia primeiro de janeiro de 1852, data da edição inaugural, a folha defendeu Mme. Barat e suas criações ao afirmar que a modista não teria, por vezes, oportunidade de exercer um processo de criação:

---

<sup>9</sup> O *Jornal do Comércio* foi um dos primeiros periódicos do Brasil tendo sua edição inicial em 1827 e sobreviveu até o século XXI. Era uma folha estritamente comercial e teve entre seus colaboradores figuras importantes para a história brasileira, além de ter tido diversos editores e redatores ao longo dos anos em que se manteve em circulação na cidade do Rio de Janeiro.

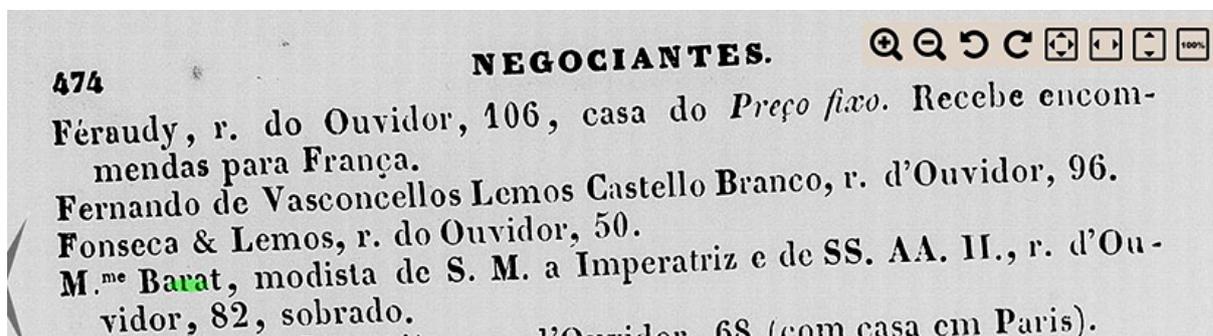
<sup>10</sup> Junto ao *Jornal do Comércio*, o *Diário do Rio de Janeiro* também era uma folha estritamente comercial e publicava muitos anúncios em suas páginas. O primeiro número do jornal saiu em 1821. A folha foi publicada por muitos anos na capital do império e teve entre seus editores e redatores nomes importantes na história do país.

<sup>11</sup> O *Jornal das Senhoras* foi um periódico que circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1852 e 1853. É reconhecido como uma das primeiras folhas editada, dirigida e destinada às mulheres, o jornal saía uma vez por semana, aos domingos e teve, ao todo, três editoras: Joana Manso Paula de Noronha, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Velasco e, por fim, Gervásia Nunésia Pires dos Santos Neves (Duarte, 2017).

Quantas e quantas vezes não terá visto a inteligente Mme. Barat na desagradável posição de sacrificar as suas mais belas composições artísticas, e digamos mesmo, a sua reputação tão bem adquirida, ao gosto extraordinário e excepcional de algum espírito de contradição! Hei de escrever alguma coisa a esse respeito (*Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 1 de jan. de 1852, n 1, p. 4).

Após essa série de reconhecimentos e elogios ao trabalho de Mme. Barat e depois da modista ter produzido o enxoval de nascimento da Princesa Isabel, Barat era, em 1853, a modista da Casa Imperial. Como consequência, nesse mesmo ano Mme. Barat foi apresentada na seção de negociantes do *Almanaque Laemmert*.<sup>12</sup> É instigante pensar a presença de Mme. Barat na seção de negociantes e não no setor das modistas. Essa colocação indica a extensão do comércio e da figura de Mme. Barat nesse momento e reforça que as mulheres poderiam estar presentes e serem entendidas enquanto negociantes no Oitocentos. É preciso pontuar a particularidade que estava intrínseca ao trabalho de Mme. Barat, que é o cumprimento da função de modista da S. M. a Imperatriz, o que nos denota um atravessamento da questão de gênero e do exercício do seu ofício.

FIGURA 2: TRECHO RETIRADO DO *ALMANAQUE LAEMMERT*, 1853.



Fonte: *Almanaque Laemmert*, Rio de Janeiro, 1853, p. 474.

Existiam mulheres brancas, e também modistas, que não alcançaram inserção na seção de negociantes, haja vista que o papel de modista imperial estava circunscrito a Barat nesse período.<sup>13</sup> Todavia, ainda assim essa diferenciação não pode ser justificada somente pelo seu prestígio social, mas também como uma possibilidade de atuação feminina no campo dos negócios. Isso porque, o ato de ocupar esses espaços pode ser compreendido a partir de uma perspectiva de gênero onde entendemos as mulheres e suas magnitudes e identificamos que suas presenças e consequentes ausências em lugares predominantemente masculinos é significativo e político no sentido estrito do termo (Barbosa, 2020). Alcançar e destacar-se nesse espaço é, portanto, um atravessamento nas fronteiras de gênero impostas por uma prática e uma teoria estritamente patriarcal.

<sup>12</sup> O *Almanaque Laemmert* era o maior almanaque do período. Lançado em 1844 pelos irmãos Laemmert, nele estavam inseridas diversas informações primordiais para a sociedade de então, como, por exemplo, os (as) negociantes (as) e seus endereços. O *Almanaque Laemmert* é uma importante fonte de pesquisa para quem busca compreender o século XIX da década de 1840 em diante.

<sup>13</sup> Que, posteriormente, viria a compartilhar esse título com outras modistas (Menezes, 2022).

Ao que tudo indica, a Casa de Modas de Mme. Barat era mesmo ampla e vigorosa; nas palavras da época dizia-se que era: “uma imensa oficina” (*Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 23 de out. de 1852, n 43, p. 1). Esse local que, de acordo com os contemporâneos, não era pequeno, ficava ainda maior na época dos bailes que dominaram a corte imperial no decênio de 1850. As folhas do período eram então responsáveis por indicarem as novidades que deveriam ser utilizadas nos bailes e quais lugares as consumidoras deveriam buscar as novas indumentárias. A imprensa periódica do período era agente partícipe desse mercado da moda já que indicava modistas e costureiras e ditava ao público leitor o que estava – ou deveria estar – em voga, ou seja, além de indicar, guiava e atribuía valores para os leitores e consumidores da moda.

É interessante entrar e observar por algum tempo a imensa oficina da casa Barat, nessas semanas que fazem consecutivamente as vésperas de um baile de primeira ordem. Já vistes, querida leitora, esta oficina? Oh! Vale a pena ver. As sedas, os filós, as rendas, os blondes, estão de mistura por cima de um extenso balcão semi circular, e desdobrados ao mesmo tempo em ondas de seda e rendas multicores; o pontear veloz das dirigentes costureiras; umas pespontando e guarnecendo corpinhos, que gradualmente vão se formando tão belos e elegantes, como se fossem talhados e feitos sobre um modelo vivo: outras, recolhendo destas ondas multicores aquela que lhes foi destinada pela hábil regente, vão passando o alinhamento aos panos das saias dos vestidos, os quais se figurão com uma rapidez incrível. Lá está em lugar distinto Mlle. A.\*\*\*, talhando os enfeites ensaiando ora uns, ora outros, sobre esta saia, sobre aquele corpinho, consultando as disposições dos volantes e das rendas; e, antes de efetuar, lá vai consultar o oráculo de bom gosto, a fada intérprete das modas, que determina, que explica suas ordens; dá seus detalhes; e, com um simples lançar de seus olhos amestrados, tudo prevê, de tudo cuida, de nada se esquece. (...) Algumas horas mais; e as sedas e os enfeites em confusão, que aos meus olhos pareciam inqualificáveis, desaparecerão! Elegantes vestidos estão prontos agora (*Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 23 de out. de 1852, n 43, p. 1).

O baile a que Christina se referia nesta edição do jornal era o próximo baile do Cassino que acontecia no Cassino Fluminense e era uma das principais festas do período sendo frequentada pelo Imperador e pela Imperatriz.<sup>14</sup> De acordo com a colaboradora, Mme. Barat

---

<sup>14</sup>De acordo com *A Marmota na Corte*: “O Cassino, onde a aristocracia capricha não cotovelar um plebo, é uma associação hoje lucrativa porque suas ações subiram de valor. O ingresso no salão do baile do cassino depende de ser sócio; mas para obter a essa honra é de mister ser puro sangue, ou aristocracia metálica, a inteligência não é condição suficiente como as outras duas” (*A Marmota na Corte*, Rio de Janeiro, 1852, nº 233, p. 2). Para saber mais sobre o baile do Cassino Fluminense ver em: Menezes, Lena M. *Elegância nos trópicos. Mulheres no Rio Oitocentista e o frisson pela moda de Paris*. Passages de Paris, nº 20 (2020.2).

fora a responsável pela produção do vestido da Imperatriz.<sup>15</sup> A loja de Mme. Barat era uma das maiores da época e alguns incentivos contribuiriam com esse sucesso. Sua Casa possuía, por exemplo, um lugar apropriado para que as consumidoras pudessem observar como os tecidos escolhidos por elas ficariam na luz noturna dos bailes:

É por esta razão que a Mme. Barat tem há muito um elegante e rico camarim reservado para este fim; e consta-me que outros armazéns o têm também. Entretanto, se quando se de a escolha não houver lugar adaptado, camarim ou salão, o mais preferível é ir escolher as fazendas a noite quando para de noite for o vestido que se quiser mandar fazer. É esta uma das primeiras exigências para que se tenha um vestido, não só apropriado a ocasião, mas de um belo efeito (*Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, 11 de dez. de 1852, n 50, p. 1).

Assim, em um exercício de imaginação histórica podemos refletir sobre as consumidoras de Mme. Barat (Swain, 1994). Sendo uma mulher com poder aquisitivo no século XIX, é factível imaginarmos que, dentre muitas modistas que configuravam na rua do Ouvidor, a escolha por Mme. Barat poderia ser influenciada tanto pela presença contínua em folhas do período, principalmente no *Jornal das Senhoras*, quanto pelos diferenciais citados no trecho acima. Podemos ainda supor que mulheres cujo poderio aquisitivo não lhes permitia acessar Mme. Barat, almejavam e sonhavam ter um horário com a modista e poder tornar-se consumidora assídua de seu empreendimento.

Mme. Josephine e Mme. Barat eram mulheres que trabalhavam no crescente mercado da moda fluminense do século XIX. Elas eram diferentes entre si e essa distinção pode ser entendida a partir de suas Casas de Moda: ficavam em lugares destoantes e forneciam produtos a um público consumidor desigual. Além disso, Mme. Barat era conhecida pelo seu sobrenome que se diferenciava das demais modistas e costureiras; em contrapartida, Mme. Josephine utilizava apenas seu primeiro nome que, inclusive, era um nome comum no período o que, em suma, significa que ocupavam lugares sociais distintos a partir da perspectiva do gênero e trabalho, considerando que “as linhas que convergem para o nome e que dele partem, compõem uma espécie de teia de malha fina, dão ao observador a imagem gráfica do tecido social em que o indivíduo está inserido” (Ginzburg, 1989, p. 175). No entanto, ambas eram mulheres que precisavam estar no campo do trabalho e que não bastava e não poderiam ter o luxo do ócio. Embora as circunstâncias de vida fossem diferentes para ambas, a necessidade do trabalho se impôs para as duas e o mercado da moda foi esse lugar encontrado por muitas mulheres trabalhadoras do Oitocentos.

À guisa de conclusão

---

<sup>15</sup> Mme. Barat, no entanto, não foi a única modista a vestir a Imperatriz e nem mesmo a única da Casa Imperial. O próprio *Almanaque Laemmert* nos mostra outras modistas que trabalhavam para a imperatriz e a pesquisadora Lená Medeiros de Menezes destaca as figuras de Mme. Gudín, Mme. Guion e de Mme. Jossset como modistas da Imperatriz (Menezes, 2022).

Já é uma bonita soma para uma parte de toilette, não é verdade? Valei milhares de vezes mais, ou, para melhor dizer, aquele algarismo se perde no cálculo de vosso preço. Já vedes também que não foi só o corte do vestido, que fazia parte de uma coleção chegada pelo último pacote, que custou aquele dinheiro; foi o trabalho apurado da agulha e a ciência com que ornou uma modista hábil e engenhosa, que confessa não ter revelado ainda a maior parte de seus segredos de arte (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 1856, nº 219, p. 2).

De forma breve o que podemos concluir é que as modistas francesas dominaram o mercado da moda fluminense na primeira metade do século XIX, ainda que tenham enfrentado alguns percalços e críticas pelo caminho, o lugar das francesas nos ofícios relacionados à moda sempre esteve presente. Ao longo das décadas, o número de mulheres que tinham suas atividades ligadas ao mercado da moda não parava de crescer e por isso alguns outros espaços geográficos começaram a serem ocupados, mas a rua do Ouvidor nunca perdeu sua grandiosidade e continuou sendo compreendida como o principal endereço da moda fluminense oitocentista. Nossa pesquisa demonstrou que com o aumento de mulheres trabalhando no ramo da moda, algumas passaram a publicar-se e anunciar-se em outros espaços, como foi o caso de Mme. Josephine. Entretanto, este artigo buscou evidenciar que Mme. Josephine e Mme. Barat, modistas escolhidas para exemplificar esse mercado, tinham públicos verdadeiramente distintos e representavam algumas das mulheres inseridas no campo do trabalho com a moda.

Mme. Josephine trabalhava e produzia para vender indumentárias e adornos para outras modistas e, por isso, sua localização na rua da Valla, um endereço inusitado quando falamos de moda no Oitocentos, pode não ter interferido diretamente em seu negócio; enquanto, por sua vez, Mme. Barat encontrava-se inabalada na rua do Ouvidor, já que entre suas consumidoras estavam sujeitas notáveis, como as mulheres da Casa Imperial.

No mais, apesar das evidentes diferenças, tanto Mme. Barat quanto Mme. Josephine foram mulheres independentes que de forma autônoma conseguiram construir seus próprios negócios e desenvolveram suas habilidades comerciais e de costuras em uma cidade que não parava de crescer. Ambas foram escolhidas em nossa pesquisa como uma forma de demonstrarmos diferentes mulheres que trabalhavam no mercado da moda e como ele era, em suma, um mercado extremamente plural. Elas são apenas dois exemplos em uma imensidão de mulheres que se ocupavam de ofícios ligados a esse modelo de negócio. Ao longo das décadas seguintes muitas continuaram e outras começaram a exercer suas atividades nesse campo.

Além disso, é preciso pontuar que o mercado da moda fluminense do século XIX fez intenso uso do trabalho de mulheres escravizadas e que estas, muitas vezes, atuavam nas Casas de Moda nos mais diversos ofícios: como vendedoras, dentro e fora das Casas; como costureiras; como contramestras e como modistas. O trabalho escravizado foi, portanto, fundamental para a estruturação das Casas de Moda; no entanto, quando falamos das modistas mais reconhecidas na cidade, em quaisquer época do Oitocentos, apenas mulheres brancas e, em sua maioria, estrangeiras, protagonizavam os anúncios. Finalizamos este artigo concluindo que a moda não é, nem nunca foi, frívola e seus meios, incluindo as trabalhadoras e consumidoras no mercado da moda, delinearam parte do funcionamento da sociedade fluminense no Oitocentos.

## Referências Bibliográficas

### *Fontes manuscritas:*

A.G.C.RJ. Décima Predial. Acessado 13 de jan. 2023.

A.N.R.J Fundo de Polícia da Corte. Acessado 07 de fev. 2022.

A.N.R.J. Fundo da Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação. Acessado 03 de mar. 2022.

### *Fontes impressas:*

A MULHER DO SIMPLÍCIO OU FLUMINENSE EXALTADA. Rio de Janeiro: Tipografia de Tomaz D. Her e C, 1832-1846.

ALMANAQUE DOS NEGOCIANTES DO IMPÉRIO. Rio de Janeiro: Casa do Editor Proprietário, 1827 – 1832.

ALMANAQUE LAEMMERT. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1844 – 1940.

CORREIO DAS MODAS: Jornal Crítico e Literário das Modas, Bailes, Teatros etc. Tipografia de Eduardo e Henrique Laemmert, 1839-1840.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO. Rio de Janeiro: Tipografia Real, 1821-1878.

JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro: Tipografia Parisiense, 1852-1855.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Comércio, 1827-2013.

SENTINELA DA MONARQUIA. Rio de Janeiro: Tipografia Americana de I. P. da Costa, 1840-1847.

A MARMOTA NA CORTE. Rio de Janeiro: Tipografia de Paula Brito, 1849-1854.0

SIMPLÍCIO DA ROÇA: JORNAL JOCOSO. Rio de Janeiro: Tipografia Imperial e Constitucional de Emile Seignot-Plancher, 1831 – 1832.

IMAGINERIO. Disponível em: <https://www.imaginerio.org/pt/map>. Acessado 14 de ago. 2023.

## Bibliografia:

ANDRADE, Juliana Valpasso. *MADAME BARAT, MODISTA DA CASA IMPERIAL: Uma análise da dinâmica do espaço do consumo de moda no Rio de Janeiro oitocentista (1840-1860)*. Dissertação apresentada ao PPGH – UFF. Niterói, 2020.

BARBOSA, Silvana Mota. Da história política a uma história social da política: uma definição. IN: BARATA, Alexandre Mansur; SÁ, Luiz César de; BARBOSA, Silvana Mota. *Cruzando Fronteiras: histórias no longo século XIX*. 1º ed. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora, 2020, p. 7-32.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand, 1989.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

DEBOM, Paulo; SILVA, Camila Borges; MONTELEONE, Joana (orgs). *A história na moda, a moda na história*. São Paulo: Alameda, 2019.

GINZBURG, Carlo; CASTELNUOVOL, Enrico; PONI, Carlo. *A Micro-história e outros ensaios*. Trad. Antônio Narino. Ed. Bertrand, Rio de Janeiro: 1989.

GAGLIARDO, Vinicius Cranek. A intendência de polícia e a civilização do rio de janeiro oitocentista. *URBANA*, Campinas, v.6, nº8, set.2014, p. 376-401.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MENEZES, Lená Medeiros. Rua do Ouvidor: síntese de uma cidade. In: Neusa Fernandes. (Org.). *Cantos e encantos do Rio*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2022, v. 1, p. 129-142.

\_\_\_\_\_. Elegância nos trópicos. Mulheres no Rio Oitocentista e o frisson pela moda de Paris. *Passages de Paris*, nº 20 (2020.2).

MONTELEONE, Joana. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: O trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 1, e48913, 2019.

\_\_\_\_\_. Moda, consumo e gênero na corte de D. Pedro II (Rio de Janeiro, 1840-1889). *Rev. Hist.* (São Paulo), n. 178, a06017, 2019.

MOREL, Marco. *O Período das Regências (1831-1840)*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2003.  
NEGREIROS, Hanayrá. *Por outras histórias da (e na) moda*. Disponível em: <https://elle.com.br/colunistas/por-outras-historias-da-e-na-moda>. Acessado 20 de set. 2023.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. Intelectuais brasileiros nos oitocentos: a constituição de uma “família” sob a proteção do poder imperial (1821-1838). In:

PRADO, Maria Emília (org.). *O Estado como vocação: ideias e práticas no Brasil oitocentista*. Rio de Janeiro: Access, 1999.

PINHO, Wanderley. *Salões e damas do Segundo Reinado*. São Paulo: Livraria Martins, 1970.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

REIS, Laura Junqueira de Mello. Modistas francesas de civilizadas a luxuosas exacerbadas: como processos políticos modificaram a forma de perceber as imigrantes (1815-1832). *Revista do arquivo geral da cidade do rio de janeiro*, v. 21, 2022, p. 171-194.

SILVA, Camila Borges da. Indumentária no Brasil do pós-independência: o papel da “mulher patriótica” segundo os jornais do Primeiro Reinado e início da Regência. *Revista Dobras*, vl. 14, n. 29, mai-ago, 2020, p. 25-45.

SOUZA, Gilda de Melo e. *O espírito das roupas: a moda no século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAWIN, Tânia Navarro. Você Disse Imaginário? In: Tania Navarro Swain. (Org.). *História no plural*. Brasília: EDUNB- Universidade de Brasília, 1994.

## Agradecimentos

Um agradecimento especial à Capes que tornou essa pesquisa possível.

Revisora do texto: Mariana Nicolau Oliveira. Email: marinicolau@outlook.com